

## O MENINO E O MAR

---



Paulo era engraçado. Uma vez, subindo o Pico dos Marins, deu piti porque a turma decidiu acampar no platô abaixo do cume, pois estava muito cheio lá em cima. Foi sozinho, praguendo e sem barraca, naquele frio de dar hipotermia. Doido. No dia seguinte, soubemos que, depois de um perrengue com a friaca, trocou o espumante que íamos partilhar por um lugarzinho sob um teto de náilon. É Paulo...

Paulo era poético. Uma vez, na feira de flores do Ceasa, encontrei-o em uma banquinha, com seu chapéu cáqui de campo. Todo feliz e bonitinho, presenteou-me com a orquídea mais linda que já vi, roxinha com um babado longo e branco de bolinhas que parecia um jabô. É Paulo...

Paulo era controverso. Parece que andou aprontando umas. Tem gente que não pode vê-lo na frente nem pintado de ouro. É Paulo...

Um dia, sumiu. Cadê o Paulo? Ah, herdou um veleiro e saiu por aí. Devia estar se divertindo.

Outro dia, apareceu, anos depois. Uns três, acho. Enviou-me uma mensagem pelo Facebook, dizendo que estaria em São Paulo em agosto e queria reencontrar a turma. “Paulo! Por onde você anda?”

A resposta é uma foto dele, com o mesmo ar de menino levado e a mesma careca, todo sorridente em um barco branco entre outros, com umas quatro mulheres bonitas a bordo. Key West, Flórida. Tiro uma: “Aê, gostosão da mulherada!”. Um pouco envergonhado: “Kkkk se acha, o tiozinho... Vou dar uma palestra, me ajuda a divulgar? Chama o pessoal”. E cola o convite: Altas Latitudes no Petit Prince.

Descubro, atônita, que Paulo “andou” pela costa atlântica da América, em seu veleiro que homenageia Saint-Exupéry, da gelada e perigosa Patagônia até o lugar da foto que me enviara, em solitário. Mais atônita ainda, vejo que pretende seguir até a Groenlândia, “pular” pela Islândia e chegar ao norte da costa norueguesa!

Não conseguia juntar as peças. Misto de palhaço e poeta, era uma figura por quem sempre tive simpatia, mas nunca levei muito a sério. Como se tornara esse ser extraordinário, que tinha feito um percurso já bastante difícil e se dispunha a fazer outro extremo assim?

Claro que fui à palestra. Embevecida, deixei-me transportar para uma vida na água, onde a fluidez combina-se à disciplina, o balanço mistura-se à firmeza, a sociabilidade derramada mescla-se à solidão. A casa pequena e apertada tem, como quintal, o mundo...

Paulo derramava histórias. Piratas, águas cor turquesa, resgates. Encontros com almas irmãs com quem partilhava o deixar-se arrastar pela atração irresistível dessa vida de ciganos e ciganas de Netuno. Relatos pontilhados de palavras tão incompreensíveis quanto saborosas: poita, barlavento, adriça...

No intervalo, pergunto a Paulo: “É um caminho sem volta, não é?”. E ele, com os olhos brilhando: “É muita liberdade!”.

Por que estou chorando?

*Essa história, verdadeira, é uma homenagem a Paulo Vinicius Arruda Passos.*

*Nós, seres humanos, atribuímos significados e criamos expectativas sobre o que ou quem conhecemos. Necessitamos fazer isso para nos localizar e movimentar no mundo.*

*Histórias como a do Paulo podem nos ajudar a refletir sobre o quanto precisamos tomar cuidado com nossas impressões e projeções. Quantas histórias de surpresas, agradáveis e desagradáveis, temos todos para contar? Quando avaliamos pessoas, entram em cena, além de nossas experiências singulares, o que aprendemos na vida em sociedade. Abre-se o espaço para preconceitos, que podem até sobrepujar percepções que temos a partir de experiências diretas.*

*Paulo, quarentão, branco e de origem aristocrática, rompeu barreiras de descrença que o cercavam e irradiou seu brilho intenso. Quando falamos de crianças pobres, pretas ou indígenas que frequentam os bancos escolares em um país preconceituoso como o nosso, essa ruptura é mais difícil.*

*Vivemos tempos de radicalização pró e contra diversidade e preconceitos de etnia e classe social, além dos de gênero e de outros mais. Paulo nos diz que navegar, ops, acreditar é preciso!*